

“Que ninguém carregue no botão!”: trajetórias, direcionalidade e a semântica dos verbos

Manuel Luís Costa

Abstract: The aim of this paper is to present an analysis of the semantics of the force verb *carregar* in European Portuguese, involving paths with force-dynamic properties. This approach allows for a tighter integration between the spatial level of cognition and the lexical semantics. As far as lexical meaning is concerned, it will be shown there's a lot of diversity, with respect to aspectual properties. For instance, the force is only applied punctually with *carregar no botão* (hit / press / push the button) or continuously with *carregar o camião* (load the truck). Concerning directionality (and the interaction between the verb *carregar* and prepositions), different meaning shifts can also be observed. Data of a preliminary investigation will be presented with sentences describing an object A (the agent) exerting physical force on another object B (the patient). Considering the spatial distinctions expressed by the vector forces, it is possible to account both for the lexical and aspectual distinctions of the verb *carregar*.

1. Introdução

O presente estudo sobre o funcionamento semântico do verbo *carregar* em português europeu – doravante PE – tem caráter exploratório no que diz respeito à representação de propriedades relacionadas com a dinâmica de forças, visando avaliar o alcance dos contributos desenvolvidos no âmbito da semântica formal e da semântica cognitiva.

Em Costa (2014), o estudo das preposições *a*, *até* e *para* e da sua coocorrência com os verbos de movimento foi conduzido tendo em conta uma abordagem baseada na articulação da representação do evento de movimento, assente na delimitação de trajetórias, com a representação das propriedades temporais-aspetuais (telicidade, delimitação temporal de fronteiras e tipos de eventualidade).

A opção pelo estudo de um membro da classe dos “verbos de exercício de força” – *exerting force verbs* para Levin (1993:137-138) ou *force verbs* para Goldschmith & Zwarts (2016:434) – possibilita a integração de elementos da investigação desenvolvida por Costa

(2014), em particular no que respeita ao tratamento do verbo *carregar* enquanto verbo de movimento, com as propriedades semânticas dos verbos de deslocação (do tipo *directed motion*). Neste sentido, adquire relevo especial o recurso aos conceitos de direcionalidade, trajetória e topologia. A análise proposta permite ainda discutir a importância da noção de transmissão de força para a caracterização semântica do verbo.

A atenção às interações entre o verbo e a preposição que com ele coocorre desloca o foco da discussão teórica das propriedades lexicais dos itens linguísticos para o âmbito das propriedades das construções, isto é, das noções lexicais (de tipo α) para as noções gramaticais (de tipo β) – cf. Culioli (1990).

O trabalho está dividido em duas secções: na primeira, são apresentados os dados empíricos visando a descrição do funcionamento sintático-semântico do verbo *carregar* em PE; na segunda, procede-se à apresentação de hipóteses explicativas visando a articulação das abordagens espacial (localista) e aspetual.

CADERNOS WGT: (Novos) *Balances e perspectivas*

[Brocardo, M. T. & Clara Nunes Correia (orgs.) (2018) Lisboa: FCSH | NOVA]

2. Dados empíricos: verbo *carregar*

Do ponto de vista sintático, o verbo *carregar* caracteriza-se por uma grande diversidade de funcionamentos, podendo ocorrer como transitivo direto, transitivo indireto e transitivo direto e indireto:

- (1) *carregar* o fardo
 - (2) *carregar* com o fardo
 - (3) *carregar* o miúdo para o hospital
- Lexicalmente, o verbo denota diferentes sentidos, estando associado à representação de eventualidades de tipos distintos, como podemos verificar nos exemplos seguintes:
- (4) a. *carregar* o fardo / com o fardo (processo)
 - (5) *carregar* no botão (ponto)
 - (6) *carregar* no sal/açúcar/álcool (culminação)
 - (7) *carregar* no traço (tornar o traço mais espesso, o desenhador) (culminação)
 - (8) *carregar* o camião / a arma (processo culminado)
 - (9) *carregar* o povo de impostos / com impostos (culminação)
 - (10) *carregar* o miúdo para o hospital /até casa (processo culminado)
 - (11) *carregar* sobre os estudantes / contra os estudantes (culminação)

Como é sabido, a manipulação da quantificação do objeto direto ou a coocorrência com SP direcionais – para referir apenas estes – pode dar origem a efeitos de transicionalidade aspetual, como é possível observar seguidamente:

(12) O Luís *carregou* o fardo da culpa durante 30 anos (processo) /*em 30 anos.

(13) O Luís *carregou* os fardos de palha *durante 2 horas / em 2 horas (processo culminado).

(14) O Luís *carregou* fardos de palha durante duas horas (processo) / * em duas horas.

(15) O Luís *carregou* o camião *durante duas horas / em duas horas (processo culminado).

(16) O Luís *carregou* o miúdo ao colo / com o miúdo ao colo (processo).

(17) O Luís *carregou* o miúdo até ao hospital / para o hospital (processo culminado).

Apesar da heterogeneidade observada no que respeita às propriedades sintáticas e aos valores aspetuais, em relação à direccionalidade da força exercida, observa-se que em todos os casos esta é direccionada no sentido do “paciente”, isto é, do *fardo*, do *botão* ou do *camião*, em (4) a (6), por exemplo – para a definição dos conceitos de “paciente” e de “agente” utilizados neste trabalho, veja-se a proposta de Dowty (1991: 572).

Os exemplos apresentados em (4) a (11) permitem também observar diferenças lexicais relativamente à intensidade da força exercida pelo objeto A (agente) sobre o objeto B (paciente). Este facto é particularmente evidente se se considerar o contraste entre (5) e (8), por exemplo. Ao ponto denotado em (5) corresponderia uma intensidade representada por uma única unidade (a força é aplicada pontualmente). Em (8), por sua vez, ocorre uma eventualidade de tipo processo culminado associado a uma trajetória com propriedades escalares (constituída por um conjunto de pontos e intervalos que indicam valores de medida). Do ponto de vista da intensidade ou magnitude, e porque a trajetória representa uma concatenação de mudanças de estado – uma função contínua

de tempo –, estará envolvida mais do que uma unidade.

Do ponto de vista do espaço conceptual, os exemplos apresentados permitem igualmente dar conta de distinções configuracionais. Deste modo, e para além dos aspetos que se relacionam com o lado em que a força é exercida sobre o paciente, poderá ser relevante para a caracterização semântica do verbo a análise dos aspetos relacionados com as representações unidimensionais (exemplo (5)), bidimensionais (exemplo (10)) ou tridimensionais (exemplo (8)) do espaço conceptual.

Um aspeto que merece igualmente destaque diz respeito à coocorrência das preposições com o verbo, podendo ser observadas sequências em que os usos transitivos diretos e os usos transitivos indiretos dão origem a frases interpretadas pelos falantes como semanticamente equivalentes. Tal facto pode ser observado nos exemplos seguintes:

(18) O Luís *carregou* o fardo da culpa / com o fardo da culpa.

(19) O Luís *carregou* o miúdo para o hospital / com o miúdo para o hospital.

Em Mateus *et alii* (2003: 398), a propósito dos valores sintático-semânticos das preposições, podemos encontrar uma análise de contextos em que ocorre a chamada “alternância locativa”, em que, contrastando com uma construção locativa «existe uma outra sem sentido locativo e em que é difícil determinar o valor de com dentro de uma tipologia de relações temáticas».

Tendo em conta os exemplos seguintes:

(20) O camponês *carregou* feno no tractor.

(21) O camponês *carregou* o tractor com feno

as autoras arriscam a hipótese de o SP *com feno* estar associado à relação temática de Tema ou Matéria.

As alternâncias de preposições e os eventuais efeitos de sentido poderão ser estudadas, embora escapem ao âmbito do estudo definido para este trabalho. É o caso da alternância de/com, em:

(22) *carregar* o tractor de/com feno

(23) *carregar* sobre/contra os manifestantes

3. Topologia, trajetórias e aspeto

No quadro de certos modelos teóricos como o de Warglien, Gärdenfors & Westera (2012), postula-se a possibilidade das diferentes eventualidades – para ser mais rigoroso, importa referir que os autores recorrem à tipologia de Vendler – poderem ser representadas através da descrição dos vetores-força envolvidos num determinado evento.

Um vetor pode ser descrito como uma reta orientada dotada de propriedades como a direção, o sentido e a magnitude (intensidade, comprimento) – para a representação diagramática do conceito e explicitação das propriedades que lhe estão associadas, veja-se o Anexo 1.

O modelo destes autores assenta em duas distinções elementares. A primeira diz respeito à extensão ou pontualidade dos vetores, permitindo dar conta da distinção durativo-instantâneo. Um vetor com extensão pode ser decomposto num conjunto de vetores sequenciais, ao passo que um vetor pontual não. A segunda corresponde à existência ou não de um ponto fixo – «A fixpoint is a point that expresses a stable state.», Warglien, Gärdenfors & Westera (2012: 186). Esta segunda distinção permitiria dar conta de uma outra correspondente à distinção télico-atélico.

O quadro apresentado como Anexo 2 sintetiza a proposta destes autores.

Considerando a proposta acima enunciada, e admitindo que as distinções aspetuais podem ser explicadas através da intensidade do vetor-força $\neq 0$, poder-se-ia formular as seguintes hipóteses explicativas para os exemplos acima enunciados:

(i) um único momento de contacto entre o agente e o paciente corresponde à denotação de pontos e de culminações. A diferença entre uns e outras poderá residir nas propriedades direção e sentido. Assim, no caso dos pontos – exemplo (5) –, o vetor atua na direção do eixo y , prototipicamente no sentido de cima para baixo. No caso das culminações – exemplos (6), (7) e (9) –, atua na direção do eixo x , no sentido da esquerda para a direita;

(ii) os vetores com extensão estão associados a processos e a processos culminados, de tal forma que, durante o curso do evento, o agente e o paciente estão em contacto e o agente exerce força sobre o paciente. No caso dos processos culminados, poder-se-á considerar que o evento contém dois vetores: um contrária a tendência da força do paciente, tem a direção do eixo y e sentido de baixo para cima – exemplos como (19) e (21) – e outro tem direção horizontal (positiva em relação ao eixo x) e sentido da esquerda para a direita, representando a mudança de localização do paciente – exemplo (10) – ou a alteração de um valor de medida (o volume da carga ou a capacidade do carregador da arma, no exemplo (8)).

(iii) a inexistência de um ponto fixo, estável, permitiria explicar os casos em que estão presentes as eventualidades do tipo processo – exemplos (4), (14) e (16).

A representação das trajetórias assenta igualmente na noção de vetor. Autores como Goldschmith & Zwarts (2016:

442) consideram que, no caso das trajetórias, o vetor está orientado para um espaço conceptual, com propriedades topológicas, dotado de um interior, uma fronteira e um exterior (cf. Anexo 3). Na representação das trajetórias concebe-se a existência de um ponto inicial e, eventualmente, de um ponto final.

3. Considerações finais

Em jeito de conclusão, e embora não entrando em detalhes técnicos, é possível constatar que estes modelos teóricos não representam de forma explícita a dimensão temporal dos eventos, o que poderá originar dificuldades em termos da descrição dos fenómenos linguísticos em estudo.

No que se refere à representação das trajetórias e dos espaços conceptuais, é possível encontrar semelhanças com o conceito de domínio nocional no quadro da Teoria Formal Enunciativa (TFL). As propriedades formais associadas ao conceito de domínio nocional, estruturado em zonas – **E**(xterior), **I**(nterior), e **F**(ronteira) – sugerem essa similitude.

Contrariamente ao assumido por Goldschmith & Zwarts (2016), a proposta de Culioli (1990) postula a existência de fronteiras com dimensão ou espessura e de diferentes zonas (F_i – fronteira do interior – e F_e – fronteira do exterior).

Como poderemos facilmente compreender, esta proposta parece ajustar-se mais adequadamente à representação de eventos com trajetórias escalares – tipicamente o caso dos usos do verbo *carregar* com a leitura de *directed motion*, nos exemplos (10) e (17) – ou de eventos em que se indica a ultrapassagem de um valor de medida – o caso da combinatoria do verbo com a preposição *em* e nomes como *sal*, *álcool*, *açúcar* e *espessura*, nos exemplos (6) e (7). Aliás, não só a conceção de uma fronteira com

espessura permite análises mais finas, como o recurso à noção de gradiente e ao valor de alto-grau torna possível a descrição destes últimos exemplos, permitindo dar conta, do ponto de vista teórico, do significado associado ao consumo excessivo de uma substância e da ultrapassagem de um valor de espessura.

Por fim, importa dizer que, nos estudos citados – Warglien, Gärdenfors & Westera (2012); Goldschmith & Zwarts (2016) – a relação entre os vetores-força e fatores associados à causatividade é tida em consideração. Esta perspetiva de análise poderá revelar-se útil no futuro, em particular para dar conta de exemplos como (8) ou (15), casos em que a transmissão de força surge associada a uma direcionalidade, em que é possível decompor CAUSA-MUDANÇA-ESTADO.

Referências

Costa, M. L. (2014) Os valores semânticos das preposições *a*, *até* e *para* em Português Europeu. Trajetórias, fronteiras, telicidade e topologia. Tese de doutoramento em Linguística. FCSH-UNL.

Culioli, A. 1990 *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.1. Paris: Ophrys.

Dowty, D. (1991) Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67, 547-619.

Goldschmith, A. & J. Zwarts (2016) Hitting the nail on the head: Force vectors in verb semantics. In M. Moroney, C.-R. Little, J. Collard & D. Burgdorf (Eds.), *Proceedings of SALT 26 - Proceedings of the 26th Semantics and Linguistic Theory Conference*, University of Texas, Austin, Maio 12-15, 2016, 433-450.

Levin, B. (1993) *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. University of Chicago Press: Chicago, IL.

Mateus, M.H.M. *et alii* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho.

Warglien, M., P. Gärdenfors & M. Westera (2012) Event structure, conceptual spaces and the semantics of verbs, *Theoretical linguistics* 38 (3-4), de Gruyter Mouton, 159-193.

CADERNOS WGT: (Novos) *Balances e perspetivas*

[Brocardo, M. T. & Clara Nunes Correia (orgs.) (2018) Lisboa: FCSH | NOVA]

ANEXOS

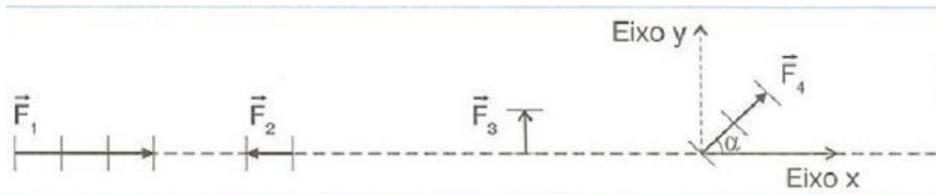


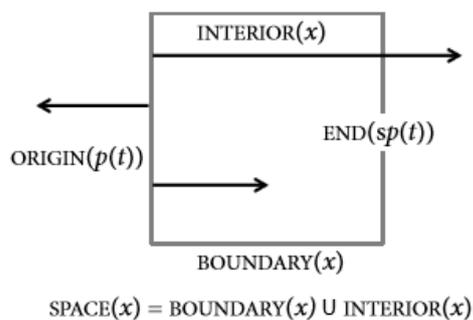
Fig 1 – Representação dos vetores-força.

Vetor	Intensidade	Direção	Sentido
\vec{F}_1	$F_1 = 3$ unidades	Horizontal ou a mesma direção do eixo x.	Da esquerda para a direita ou positiva em relação ao eixo x.
\vec{F}_2	$F_2 = 1$ unidade	Horizontal ou a mesma direção do eixo x.	Da direita para esquerda ou negativa em relação ao eixo x.
\vec{F}_3	$F_3 = 1$ unidade	Perpendicular ao eixo x ou a mesma do eixo y.	De baixo para cima ou positiva em relação ao eixo y.
\vec{F}_4	$F_4 = 2$ unidades	Forma um ângulo α com o eixo x (horizontal).	Positiva em relação ao eixo x.

Anexo 1

vector	is extended	is punctual
has fixpoint	accomplishment (build a bridge)	achievement (realize your error)
has no fixpoint	activity (walk)	semelfactive (knock)

Anexo 2



Anexo 3

CADERNOS WGT: (Novos) Balanços e perspetivas

[Brocardo, M. T. & Clara Nunes Correia (orgs.) (2018) Lisboa: FCSH | NOVA]